Anno I — Serie II São Paulo, 29 de Julho de 1905 Num. 4

CORRESPONDENCIA
Á SÉDE DO
SECRETARIADO
Largo Paysandú N.º 44
(1.º andar)
—o—

O CHAPELEIRO

A exploração capitalista está baseada sobre a ignorancia e a desunião dos trabalhadores.

Orgam do Secretariado nacional dos Chapeleiros no Brasil

Int. Instituut
Soc. Geschiedenis
Amsterdam

LUTAS OPERARIAS

Seguimos com summo interesse o despertar de uma nova consciencia que vem formando-se lentamente entre o elemento operario do Brasil.

As gréves effectuadas ultimamente no Rio de Janeiro e em Santos, dão materia sufficiente para analizar a situação tristissima dos operarios, dos parias angustiados que trabalhando inhumanamente para sustentar no ocio uma classe parasita e gosadora percebem um salario tão irrisorio que apenas basta para as primeiras necessidades, vendo-se forçados a viver amontoados em immundos casebres, privados de luz e de ar, faltos das comodidades higienicas indispensaveis e da alimentação necessaria para reparar as forças depois de um trabalho excessivo e embrutecedor. Nòs não temos a magnificencia de um escriptor para descrever a misera existencia dos operarios neste país, pois carecemos de inteligencia e imaginação para fazer um brilhante artigo cheio de bellas palavras; dirigimo-nos aos operarios empregando essa linguagem rude, propria de inteligencia não cultivada e falta de conhecimentos literarios, mas sincera e leal sem que nos guie nenhum fim particular senão o de inculcar nas massas proletarias o espirito de revolta contra a infame tirannia que nos escravisa.

Mas, apesar de não possuir esses conhecimentos, têmos consciencia dos nossos direitos, sabemos o que queremos.

Queremos fazer comprehender aos trabalhadores que a sua vida na actual sociedade é indigna e degradante e que as coisas não podem, não devem continnar assim. Não é possivel, senhores capitalistas e doutores, que os operarios continuem submettidos ás vossas conveniencias e aos vossos caprichos.

Tambem no Brasil, como em todas as partes do mundo, o operario acorda e começa a classificar quaes são os seus verdadeiros inimigos, se os trabalhadores estrangeiros que aqui vem immigrados julgando encontrar (pobres illusos!) o que no seu país natal lhes faltava, ou vós, senhores capitalistas, que villanmente o explorais tentando diminuir cada vez mais o misero salario que lhe « concedeis » em troca dum prolongado e penoso trabalho.

Essas gréves são as primeiras tentativas de protesto « pratico » contra a desegualdade social. Os primeiros passos estão dados; cumpre agora a nós trabalhar activamente para que o movimento recentemente iniciado tome uma boa orientação.

No Brasil até agora, por não existir uma burguesia industrial, « moderna », que teria dado impnlso á industria, a maior parte dos capitaes foram empregados em explorar o solo, donde tiravam lucros fabulosos, não se preoccupando por isso de empregar a sua actividade e os seus capitaes numa industria qualquer. Mas não percebendo já os lucros acostumados, os capitalistas brasileiros juntam os seus aos capitaes extrangeiros para os empregar na exploração da industria, estradas de ferro, minas, etc., começando, como consequencia inevitavel, a lucta de classe, cujas primeiras escaramuças são as gréves effectuadas no Rio, em Santos, e em diversas localidades do Brasil.

Acostumados os senhores fazendeiros a tratar com escravos e gente submissa, incapaz do menor gesto de rebeldia, que se submette mansamente a qualquer regime de vida, revoltam-se furiosos e cheios de surpresa ao ver que tambem aqui os opprimidos reclamam um pouco (muito pouco, por certo!) do que por direito lhes pertence.

***

Mas é forçoso declarar que os movimentos effectuados pelo proletariado do Rio e Santos foram feitos sem preparação nem coordenação alguma, devendo-se a isso o seu fracasso.

Tendo em conta a pouca preparação para a lucta que tem o proletariado do Rio de Janeiro, parece-nos um pouco exagerada a sua pretenção de conquistar a jornada de 8 horas. E' pretender muito de um proletariado que ainda não está bem adestrado para a lucta.

Por isso não devemos extranhar que os movimentos desta natureza fracassem.

Devemos procurar que nos sirvam de proveitosa lição para o futuro, sem esmorecer nem desmaiar na lucta emprehendida contra os nossos oppressores.

E' preciso intensificar a nossa propaganda entre os operarios, para lhes fazer comprehender a utilidade da associação para se elevar e sahir do estado de immoralidade em que vegetam, tornando-se assim homens dignos e conscientes. Só nestas condições poderemos contar com victorias certas.

Por enquanto a nossa obra mais urgente, á qual devemos dedicar as nossas energias, é fazer um trabalho paciente, pertinaz, incançavel de instrucção e de organisação entre os proletarios.

As poucas organizações que existem no Brasil devem estreitar as suas relações, federando-se, para trabalhar mais efficazmente pela evolução do proletariado brasileiro.

Portanto, camaradas, abandonemos certas extravagancias que não servem senão para retardar o progresso das novas ideias de justiça. Não debilitemos o proletariado com inuteis escaramuças, mas reforcemos a sua consciencia para o futuro.

Cooperativismo

Antes de mais nada eu não creio existir uma questão operaria, existe uma questão de classe e uma questão humana!

Assim que quando venho trattar da nossa questão de classe trato sómente de um meio como um dente de engranagem que deve deixar rodar a grande roda que nos deve conduzir á completa emancipação, á completa egualdade humana.

O sei por muitos operarios, superficialmente eruditos na questão social, a palavra cooperativismo, lhes parece como um meio antiguado, já condemnado pela pratica. Sei o que por outros que se guiam por theoria antes que por pratica, condemnam este systema de associação, como a parede (gréve) uma faca de dois córtes tido não sempre na posse dos burghezes pelo cabo.

Mas eu quero observar pelo melhor modo que posso que, se muitos tentativos falharam, ou por melhor dizer, se muitas cooperativas degèneraram-se do verdadeiro significado do termo cooperativismo, isso não nos diz que o cooperativismo seja a arma mais potente, mais logica para combater o capital funesto.

E previno ainda que, eu não entendo demonstrar que tal systema de lucta o propago sob o auspicio de qualquer escola politica. pois que, eu entendo que todo o homem de coração, todo o homem consciente deve apoiar a cooperação com um só impulso de sentimentos humanitarios.

Consideremos uma vez que somos chapeleiros o historia do nosso mister, desde os ultimos quinze annos.

No 1890 existiam em São Paulo, diversas fabricas que os seus proprietarios representavam um regular capital; estes haviam todos emigrados sem capital algum e apenas encorajados de um povo de aristocraticos que se dignavam de ser sufficientemente ricos com o producto das suas fazendas, estes emigrados puderam com facilidade formar relevantes capitaes, que transportaram ao paiz natal, como se tivessem estado nestas Americas, a construir grandes rêdes ferroviarias, ou houvessem, como um Morgan, exercitado um grande « trust » de qualquer precioso mineral.

O advento da Republica que alargava os traficos com a introducção de immigrantes, com o facilitar a entrada das materias primas por qualquer industria mostrou a grande facilidade que um operario do nosso genero, com a pratica unicamente do nosso trabalho manual, com um capital insignificante, podia, trabalhando, ser tambem um commerciante, vendendo a propria producção ao consumidor; e assim se viu a extranha coisa que desmente o dittado que diz: que « o paiz grande engole o pequeno », acontecia aqui o contrario; isto é o pequeno fabricante dominou o grande.

O motivo deste facto é simples, o grande industrial mal pagando o trabalhador, como tambem retirando a materia prima directamente, era submergido por outras tantas despezas: luxo da familia, maestros, guarda-livros, viajantes, e não podendo pela sua senhoril habitude attender pessoalmente a fiscalisação teve de ceder ao trabalhador, — que na propria pessôa existia o trabalhador, — o viajante, o guarda-livros, e com este systema pôde offerecer ao consumidor a mesma mercadoria a melhor preço.

Mas o appettite vêm devorando este individualismo, vendo a facilidade de evitar o proprio trabalho, se aggrega outros a trabalhar sob a direcção; por um pouco de tempo os trata de bons amigos, os paga melhor do que uma grande fabrica, não joga o trabalho fóra e, livre, assim, com o seu trabalho e com o daquelle que se aggrega augmenta o capital em modo que acaba elle tambem por ficar grande como aquelles que cederam á sua concurrencia e augmentando o capital se inculca em qualquer outra classe, e, portanto, os seus interesses são obrigados a tutelal-os e para tutelal-os é preciso que abarque aos methodos do antigo patrão: pagar menos que seja ao operario para satisfazer ás necessidades dos viajantes, dos guarda-livros e de cavallos que devem conduzir os pequenos á escola.

Mas esta nova generação de capitalistas é muito mais terrivel dos antecedentes, pois que, aquelles tambem tendo surgido do nada, trabalhavam com operarios incoscientes, quasi persuadidos de serem escravos, emquanto estes conhecem bem o seu pessoal e sabem prevenir qualquer coisa que lhe pudesse acontecer em seu prejuizo, assim que, não só o trabalhador não consegue emancipar-se, mas a maior parte destes novos donos sabem interromper o trabalho por um motivo simulado justo, dispensando um operario habil e velho da officina e chefe de numerosa familia.

A organisação gloriosa aqui é fracassada; non é necessario a um moderno fabricante de chapéus que o seu pessoal seja chapeleiro, chapeleiro é o patrão, que, em quinze dias de aprendisagem, refaz na sua casa com trabalhadores completamente inhabeis um novo pessoal. E então se vêm por muito tempo que os velhos chapeleiros não quizeram na sua sociedade estes novos porque não são habilitados como elles pela estrada da gerarchia, fazendo assim o interesse destes patrões e causa proficua que o chapeleiro propriamente dito é esquivado eé o mais difficil para empregar-se.

Mas agóra finalmente vai-se comprehendendo que quem quer que seja que preste a sua mão de obra em uma fabrica de chapéus tem direito de ser chamado chapeleiro e admittido a fazer parte da « União » dos chapeleiros, e assim quando todos formos socios e conscientes da nossa obrigação, poderemos nos impôr com aquellas regras e aquellas tarifas que se puderam implantar em todas as outras partes do mundo, menos porém, no Brasil.

Mas, companheiros, será mesmo este só, o desejo de nossos filhos, o de serem assalariados bem pouco?... não será talvez nossa obrigação, mostrar-lhes a estes que por mais bem pago que seja o seu trabalho, será sempre um mero escravo sob a dependencia de seu patrão, que permanecerá sempre como a espada de Damocles, sobre sua cabeça?

Pois eu tenho plena convicção que, incluindo nos Estatutos da nossa Liga, a cooperação, com a evolução dos tempos haveremos em nosso poder parte do nosso « desideratum »: e não creiam, companheiros, que será uma coisa um tanto difficil a collocação de uma cooperativa de producção entre nós, pois ao contrario, o exito é certo.

Os inscritos na actual União obrigam-se ao pagamento de uma « quantia reembolsavel » de cinco mil réis por mez; a união offerece as despezas da administração do local no qual se começa a fabricação do casco.

Supponhamos duzentos socios, que offeraçam uma quantia mensal « reembolsavel » de cinco mil réis; teremos de entrada a somma de um conto de réis por mez; o primeiro mez, teriamos as despezas eventuaes; o segundo, materias primas; o sexto haveremos em uma casa de mercadoria, confeccionada em cascos, a quantia inteira entrada dos socios contribuintes; a somma inteira porque, tendo trabalhado cinco caixas de materia prima, teremos o valor já calculado da somma inteira recebida.

Quem trabalhará esta materia prima, quem terá esse direito? perguntareis... Todos e ninguem, não estando ninguem na vadiagem, ninguem terá o direito de trabalhar aquella materia: trabalharão aquelles que se acharem desoccupados; se por acaso se verificar que o numero de pessôas é grande e que não dá para todos neste caso se divide o « quantum » mesmo que fossem três chapéos por semana. Se houver trabalho toda a semana, toda a semana se trabalhará; nesse caso ninguem terá privilegio de ser o trabalhador da cooperativa: todos, todos deverão ensinar os que não saibam e ninguem será o mestre, nem perceberá ordenado como encarregado... todo e qualquer serviço terá a sua tarifa; pagamento de salario quinzenalmente.

Um secretario, nomeado pela assembléa da União, terá a administração a seu cargo; o thesoureiro da União terá os fundos, e, com prévia autorização do secretario, fará toda e qualquer sorte de pagamentos.

Como cada socio terá o direito de partecipar do trabalho, assim deverá, tambem, procurar vender. As contrariedades e dissidios que podem succeder entre os trabalhadores e quem distribue o trabalho, serão discutidos em assembléas, resolvidas as questões ou não.

As quotas têm duração indeterminada, serão reembolsadas integralmente a quem sahir de S. Paulo, ou aos herdeiros de um socio, se requerem, porém sem outro fructo.

Estas, companheiros, são as maximas que eu vos proponho, para a fundação de uma cooperativa, proposta, aliás, que eu não tenho completa; mas espero, com o apoio dº alguns de vós, jovens, ampliar a compilação, pois trata do nosso bem-estar e do da nossa familia.

A vós novamente rogo, ó jovens conscientes, que desinvolvais e modernizeis esta minha these humanitaria, com todo o vosso amor, propagueis a idéa e não a deixeis levar, para longe, pelo vento.

Lembrai-vos, companheiros, de trabalho, o seguinte dictado que declamam os inglezes: « E' sempre enganado quem pensa no mal ».

FILODEMI

Em volta das fábricas

—o—

DANTE ALDRIGHETTI

Continùa ainda a greve na fábrica Aldrighetti, por ter a trabalhar operarios que na greve foram substituir os paredístas.

O pagamento foi feito, mas de má vontade; sem a sua energia, os operarios ainda hoje esperariam o que lhes era devido. A fábrica continùa boicotada até que o sr. Aldrighetti se comprometa a despedir os traidores e a pagar pontualmente duas vezes por mês.

Entretanto, demos os nomes dos dos fura-greves, que são:

Cesare Pacini, por alcunha o « Pdncotto », conhecido como vagabundo pelos chapeleiros, e possuidor dum passado pouco limpo. Aqui mesmo é conhecido pela sua falta de escrupulo em prejudicar as familias pobres.

Ferruccio Pedrezzoli. Este moço, podendo trabalhar em outras fábricas, prefere gozar e viver á custa alheia, explorando uma mulher; foi para mostrar a esta a sua vontade de trabalhar que se fez traidor na greve.

Ha ainda outros fnra-greves, mais dignos de compaixão do que d'outra coisa: Basile Marsano, Guilherme Cecchi, Morelli pai e filho, e o Guastala,

Estes traidores, tão nocivos á cousa operaria, e aos quaes é necessario combater sem piedade, não se lembram que um dia chegará a vez delles e precisarão da solidariedade dos outros.

A nossa profissão

Com este numero entendo chamar a attenção da nossa classe, propondo abrir uma secção especial, onde se trate e se discuta tudo aquillo que for util e vantajoso para o nosso trabalho. Nadà de sciecia, nada de empirismo, mas teoria prática, tendo como base as cifras.

Isto não fará mais que reforçar as condições dos trabalhadres, e especialmente dos novos, tratando-se de trazer a campo os pelos as tintas, as maquinas, etc., a poder ser util a todos aquelles que desejam adquirir novos conhecimentos.

Nesta secção qualquer tem o direito de colaborar, pois que uma larga colaboração torna-la-á mais interessante por seu novo genero no paiz.

Quaes não serão as vantagens que se obterão trazendo em campo taes coisas que por muitos são ignoradas? E quem, pois, não tem necessidade de aprender?

Assim procedendo, se poderão crear trabalhadores que conheçam mais profundamente a sua arte.

Começaremos, portanto, a tratar succintamente do trabalho de «fula» do chapeo a «broche» hoje em dia para o mais que serve é para fornecer ao clero e algumas modas que aparecem de ver em quando nas principaes cidades do velho mundo.

Pasa se preparar o chapeo « á broche », em primeiro logar se deve escolher um pelo bastante longo por natureza, e este pelo deverá ser sómente « arete », ou seja (schiena) de lebre, de marca superior, como a BHW ou outra; depois de (melangiarlo) bem e fazel-o arcar em um molde regular, sempre menor que grande, de conformidade que com o pezo e a medida do chapeo acabado, em suma, de não dever se trabalhar muito na « fula » sem a escova, porque causaria a perda do pelo que se encontrasse á superficie do feltro. Arcado que seja, será embastipo usualmente como os outros chapéos.

Formada a embastidura deve-se esfodarlo na caldeira com acido sulfurico, maiormente que qualquer cutro chapéo comum, e depois disto se trahalhará com a « broche » ou escova repetidamente, na agua fervendo, para enfeltral-o e fazer despontar aquelle pelo procurado por meio da escova, a qual deve ser resistente e de palha forte, ou outra do cumprimento de cêrca 2 cent., e depois um par de encruzados, como se diz, deixar-se-á esta e se tomará outra mais forte e ainda mais baixa, a qual deve ter maior resistencia sobre o feltro, quasi a terminar-se.

Arredado o feltro de pelo o mais possivel, se forma a « broche » ou capucho para em seguida tornal-o mais fino. O capucho enxuto que seja, se usará da faca como nos outros feltros, demais, é indispensavel o « cadino », o qual serve para tirar todo o pelo, por isso que a faca corta sómente o mais grosso e o mais ordinario.

Feita esta dita operação, retorna-se a « fula » empregando-se ainda a escova mais forte e se bruxa a « sapatilhe » onde meterl-o á medida necessaria para enformal-o.

Depois de enformado e de enxuto é indispensavel a « scardinatura », ou seja, uma outra pequena operação como a citada « sbarlatura », com a unica dlfferença de empregar maiormente o « cardino » do que a faca, e se reterminará o chapeo « á broche » com uma batida geral de baqueta pequena e elastica com o fim de levantar o pelo e tornal-o mais macio.

LANI

O companheiro Lani teve uma bella imaginação em sugerir a presente secção e ser elle o proprio a dar o exemplo por ser o primeiro a colaborar.

Nesta secção não só se deve escrever coisas que dizem respeito ao trabalho de feltro, tanto de pelo como de lã, como se trabalha a mão ou á machina, etc., etc., mas tambem as tintas, a gomma e os catrames. Sabemos que o companheiro Lani, a respeito de tintas, gomma e outros processos, é bastante conhecedor, por isso não será tão avaro. cremos, que nos prive de algums de seus escrito a respeito.

Assim dizemos tambem a outros companheiros que déem tambem o seu contributo de intelligencia para esta secção.

No proximo numero o processo para afinar a lã.

N. da R.

A verdadeira solução

Nunca está de mais escrever sobre organisação e incitar os operarios a que se organisem, mostrando-lhes os beneficios, moraes e materiaes que podem obter. E' dever nosso fazel-o, assim como procurar que as organisações operarias se dediquem à realisação de trabalhos mais proficuos, procurando despedaçar o veo que impede o proletariado de ver claro.

E' um trabalho arduo mas não impossivel de realisar-se a constancia dos chapeleiros e de todos os trabalhadores em geral, desembaraçados de todos os prejuizos politico-economico-religiosos, se mantem firme e se querem seguir-nos nestas e noutras linhas que pretendemos escrever.

Para proceder com regra perguntamos primeiramente:

Para que se organiza o operario?

Para obter beneficios economicos (um tanto illusorios, sem duvida) que isolado não poderia conseguir de nenhuma maneira.

Com effeito, se numa associação operaria não ha soccorros mutuos para doenças, subsidios para as faltas de trabalho e outros beneficios materiaes, perderemos o tempo recomendando aos operarios que se organisem e nos acontecerá como ao mendicante na via publica, não seremos ouvidos.

E' assim: os factos e a experiencia nos estão demonstrando quanto deixamos dito e o que tencionamos escrever ainda. Para não deixar passar estes factos inobservados citaremos um que se pode applicar a qualquer ramo de trabalho, eil-o: Por maltratamentos dos patrões, por má retribuição ou por qualquer outro motivo, numa fabrica ou officina se declaram em gréve 50, 100 ou mais operarios; suponhamos que esta gréve toma grandes proporções, que se estende, se generaliza; surge logo o « crumiraggio », que a policia tutela como guardadora que é do Capital, a fome cresce, os animos se exasperam, vem depois os ajuntamentos que a policia sempre prompta procura dissolver, não só nas ruas e praças como tambem nos locaes das associações, e assim qualquer pedra « lançada por qualquer rapazete, ou alguma cacetadà dada por algum patife ou operario inconsciente » faz nascer um barulho que a policia reprime a pranchadas ou a tiros....

O sangue corre, as prisões enchem-se de muitos pobres infelizes e a « solidariedade »..... não é senão uma palavra van que oc-

cupa um logar no dicionario ou em qualquer escripto idealistico.

E' triste mas é assim; afinal basta-vos lêr os proverbios de qualquer localidade do globo e encontrareis a prova do que vos digo. « Quem morre jaz e quem vive fica em paz ».

Effectivamente, olha-se com impassibilidade como se prendem, se expulsam e se maltratam os operarios que mais se distinguem na defeza dos seus direitos, sem levantar uma « voz geral » para reclamar ao menos a liberdade das victimas.

Neste caso a associação que faz? Que quereis que faça? Agora jà os fundos estão exhaustos, e os melhores companheiros que della faziam parte estão entre as referidas victimas. Numa palavra, a associação se desfaz e os membros restantes, mansos e silenciosos, submettem-se novamente aos exploradores e antes de que fiquem curados das penalidades soffridas e da diarrhea causada pelo medo serão precisos bons annos.

Entre estes ha muitas categorias: os egoistas, os ignorantes, os alcoolisados, os indifferentes, os inconscientes etc. Para fazer a analise começaramos pelos primeiros, os quaes se organisam com o unico fim de serem soccorridos em caso de doença, viagem, etc. e naturalmente são tambem os primeiros em falar mal da associação, porque acabou o « seu » dinheiro. Os segundos, inconscientes dos seus direitos, não comprehendem a questão e enfileiram como soldados, promptos a dizer sim ou não, segundo a vontade do patrão. Os terceiros não se preoccupam para nada de si nem da sua familia e vivem no embrutecimento mais deploravel. Os quartos pouco se importam de tudo e de todos porque as desillusões os venceram ou por ter conseguido certo bem-estar social. Os quintos são os mais perigosos porque sempre estão promptos a trahir os companheiros, prestando-se ás baixezas mais indignas. Tendo terminado, em parte, a analise com os ultimos que pode-se dizer que formam a categoria dos estupidos, faço ponto reservando-me voltar sobre o argumento nos seguintes numeros do nosso jornal onde tratarei a questão definitivamente indicando o trabalho que devemos fazer para pôr o proletariado no verdadeiro caminho.

SOLDO RIDEBATE

RESPIGANDO

O KRUMIRO. — Um jornal inglez, chamado para julgar uma controversia operaria, assim pintou a triste figura do krumiro: Para os operarios organisados, o krumiro é, em frente á classe, o que é um traidor para a patria.

O krumiro é o ultimo a dar um auxilio aos companhiros e o primeiro a pretendel-o. Elle só respeita a si proprio; não enxerga além do dia de hoje; e por dinheiro está prompto a trair amigos, familia, pais. Numa palavra, elle é um traidor que a miudo vende o proprio collega, sendo por sua vez vendido pelo patrão, acaba por ser desprezado e odiado por ambas as partes.

E' o inimigo de si proprio, da actual sociedade e da porvindoira.

***

A ORDEM BURGUESA. — Emile Zola assim pensou e escreveu :— Vi senhoras dar biscoutos aos cães; vi mãis desesperadas que não têm bastante pão para os proprios filhos.

Vi moços fortes na ociosidade dias e noiter inteiras nos cafés e nos teatros; vi velhos achacados arrastar-se a custo para o trabalho.

Villas sumptuosas deshabitadas duraute meses e meses; vi familias numerosas albergadas debaixo dos monumentos das grandes cidades. Existem leis sanccionando todas essas coisas, e forças armadas que as defendem, padres que as benzem,

E tudo isto é qualificado de ordem!

***

UM BELLO PRESENTE AOS PAIS. — Guilherme II, acabou o desenho de uma medalha commemorativa que será entregue aos pais dos soldados mortos duraute a campanha contra os Herreros no Sudoeste da Africa.

Entre os dois polos

AUSTRIA

UNIAO DOS CHAPELEIROS DE STIRIA. — Abaixo reproduzimos integralmente o « regulamento da Caixa de subsidios por doenças », que esta associação acaba de instituir:

1) Todo o socio deve pagar á caixa uma contribuição semanal de 36 centimos, que será paga tambem pelos subsidiados no acto de receberem o subsidio.
2) O direito de subsidio começa depois de 26 semanas de contribuição e será de um fr. e 40 cent. por dia, por igual numero de semanas. No caso de impossibilidade de trabalhar, depois deste prazo, o subsidio poderá ser continuado por mais 13 semanas a 70 centimos por dia e outras tantas semanas a 35 centimos.
3) Os socios que tenham recebido o subsidio por 52 semanas, só terão direito a outro subsidio, por igual doença, depois de pagas 26 contribuições semanaes e neste caso será apenas por 20 semanas.
4) Ao socio que adoece da mesma molestia, mais vezes no anno, os subsidios lhes serão pagos de accordo com a somma dos dias subsidiados; assim como serão contados accumulativamente os subsidios pagos por diversas molestias quando não tenham decorrido pelo menos 12 semanas de capacidade ao trabalho, entre uma e outra doença.
5) Todos os casos de doenças devem ser immediatamente participadas ao secretario, com o attestado medico e o endereço do doente. Pelos socios de fóra da cidade que fizerem sua communicação pelo correio será considerado dia da communicação o da data do carimbo postal. Não será concedido subsidio algum sinão depois de communicação regular.
6) Os socios que se houverem ausentado, poderão ser subsidiados na sua volta depois de pagas duas contribuições e terem provado que durante a sua ausencia foram socios de outra associação que mantenha reciprocidade. As disposições para fiscalisação dos doentes são determinadas pelo Conselho de administração.
7) Os socios que por conselho do medico se ausentarem de sua séde, devem informar immediatamente o Conselho administrativo e mandar, quinzenalmente, um certificado medico com o visto das autoridades locaes. Suspende-se o subsidio desde que não sejam preenchidas estas formalidades. Aos socios recolhidos em casas de saúde não se pagará sinão o subsidio determinado pela assembléa geral e a « União » não assume obrigação alguma perante o instituto.
8) Não tem direito a subsidio algum o socio atrasado 8 semanas em seus pagamentos, sem ter pedido um prazo determinado e os que adoecerem por imprudencias, excessos ou propria culpa. Os que adoecerem durante viagens e quizerem receber subsidio, devem internar-se em algum hospital. Quinze dias depois da acceitação de trabalho em localidades comprehendida na esphera de acção de qualquer « União de S. M », cessa o pagamento de subsidios por parte desta « Caixa ».
9) Para a administração da «Caixa» determina-se a importancia de 10 o|o das entradas.
10) Em caso de fallecimento de socios (sem preoccupação da causa) aos herdeiros poderá ser paga uma contribuição para os funeraes, na seguinte base: para os socios que tenham contribuido mais de 20 semanas 20 fr., e para os que contribuiram mais de 52 semanas 40 fr.

ITALIA

CURIOSO.—Relevamos do «Chapeleiro » orgam da Federação Italiana, que em certa fabrica de chapeos que funciona em Napoles e é propriedade do snr. Deodato Lamme, para a admissão de operarios se exige a apresentação da folha corrida policial.

Este « puritano »é mui nosso velho conhecido. Já foi proprietario da actual fabrica Matanó e Sericchio (?) onde os trabalhadores eram geralmente maltratados e houve até mulheres que foram esbofeteadas pelo facto de reclamarem o pagamento do qne haviam ganho, e. ainda hoje não se fala na fabrica do senhor Deodato sem que sejam lembradas algumas arbitrariedades e abusos commetidos por elle ou por seus representantes.

Fala-se até em arrombamentos de caixotes contendo chapeos e se diz que aquelle snr. foi condenmado em alguns meses de prisão.

Na fabrica de Napoles continuam as mesmas arbitrariedades e injustiças que aqui se practicavam e para maior cumulo de abusos exige dos operarios a apresentação da folha corrida.

E', pois curioso que o snr. Deodato o qual, justa ou injustamente, não pode apresental-a, exija que a apresentem os trabalhadores, cujos ordenados não são sufficientes para « pagat a justiça » e são tão injustamente e facilmente perseguidos.

A unificação das tarifas

Ha muito tempo que os fulistas tinham a intenção ee propor à nossa associação a unificação das tarifas da fula.

A desegual applicação das tarifas que actualmente está em vigor nas fabricas, creou certo descontentamento entre os trabalhadores das fabricas que pagam mal e os das que pagam « bem ». Por este motivo a assembléa effectuada no domingo, 9 do corrente, acordou crear uma tarifa unica para todas as pequenas fabricas de S. Paulo.

Por em quanto a esfera de acção da nossa associação será tratar de que nas pequenas fabricas onde se trabalha á mão, sejam adoptadas o mais breve possivel as novas tarifas, sanccionadas pelo voto da referida assembléa.

Os senhores fabricantes devem convir comnosco em que as tarifas devem ser uniformadas por todas as fabricas indistintamente, como tambem devem ser aumentados os preços da mão de obra em geral.

Unificar as tarifas é uma necessidade sentida por todos os trabalhadores fulistas, pois é preciso impedir que nas fabricas vigorem preços differentes.

Bem sabemos que o que escrevemos aqui não é uma novidade para os chapeleiros de S. Paulo, pois todos sabem que numas fabricas se ganha mais do que nas outras, mas queremos maiormente fazer resaltar aos nossos companheiros a necessidade de propor immediatamente a nova tarifa.

Se os companheiros estão dispostos a agir energicamente poderemos impor, sem duvida, aos fabricantes a aceitação da tarifa da nossa associação. E' preciso que todos, fulistas e chapeleiros em geral, se interessem grandemente para fazer triumphar o nosso proposito, do contrario, se não procuramos reunir forças sufficientes, é inutil fazer qualquer tentativa.

Na batalha que vamos empenhar nestes momentos devemos conduzir-nos com muita cautela; é preciso que a nossa associação saia victoriosa, pois assim tomará mais força e prestigio.

A lucta será renhida por parte dos industriaes, sem duvida alguma, pois basta dirigir o mais minimo ataque aos seus interesses para fazel-os montar em furias e ouvil-os gritar e dizer que elles tem que sustentar a concurrencia com os capitalistas, com as grandes fabricas, e que por isso não podem acceitar a nossa tarifa. Deixamol-os gritar e continuamos firmes no nosso proposito, fortes na nossa solidariedade, que a victoria será completa, fazendo, finalmente valer a vontade da nossa associação.

Desde que a nossa associação está constituida é este o unico movimento que por ella vai ser iniciado, pois se algumas gréves foram effectuadas anteriormente, e a sociedade, pela força das circumstancias, nellas se achou envolvida, não foi pela sua vontade, senão pela dos fabricantes, enquanto que agora somos nós quem rompemos o fogo, motivo mais que sufficiente para que procuremos, por todos os meios, vencer esta que podemos chamar a nossa primeira batalha.

Camaradas! Não devemos temer as ameaças dos fabricantes, nem dar ouvido as suas fanfarronices; urge que apertemos cada vez mas os laços de solidariedade que nos unem, para os obrigar a aceitar as nossas justas reclamações.

Durante o curto prazo que tardará em ser apresentada á assembléa a tarifa, anime-mos aos nossos camaradas, organizados ou não, propagando entre elles as nossas deliberações.

A' obra, companheiros!

Falando claro

Com muita surpresa lêmos no n. 2 de « O Carpinteiro » um escripto no qual o caro camarada redactor deste jornal faz certas referencias, sem fundamento e um tanto inopportunas a um outro escripto publicado no CHAPELEIRO. intitulado « Simptomas Confortantes ».

Os camaradas de « O Carpinteiro » não tem motivos, cremos nós, para nos atacar com tanta vehemencia, pois devem saber que leaes e correctos sempre fômos, não devendo, portanto, para nós pedir uma explicação que elles julgam necessaria, dirijir-nos insultos nem usar a linguagem que elles empregam pedindo-nos a nós, e particularmente ao autor do artigo publicado no nosso jornal, uma declaração na forma que o fazem.

Com prazer demos a satisfação que os camaradas de « O Carpinteiro » nos pedem e aproveitamos a ocasião para tirar qualquer duvida que possa existir se por ventura as outras associações de classe existentes em S. Paulo se julgassem alludidas no referido artigo.

O nosso artigo constatava, em tese geral, a evolução das associações do Brasil para o caminho que devem seguir as verdadeiras associações de classe. Ponderava como muitas associações tem prescindido de cerimonias inuteis e dannosas á causa proletaria, entrando francamente no campo da lucta de classe.

Isto, caros camaradas, teria bastado para fazer-vos comprehender que o artigo não se referia de nenhuma maneira á vossa associação, porque falava de « evolução effectuada em organisações já existentes », enquanto que a vossa foi constituida recentemente.

O periodo que destacais e que vos fez montar em furia, alludia á aquella associação de « Krumiros » de Rio de Janeiro, denominada « Congresso das Pedreiras », que tanto deu de falar de sí por ocasião da ultima gréve geral que naquella capital se proclamou, porque em vez de adherir ao movimento procurou, sempre que lhe foi possivel, substituir os grévistas. Não julgamo necessario referir as cerimonias que a tal associação realizou para commemorar a data do 1.º de Maio deste anno, porque isso seria cançar o paciente leitor.

Outra coisa devemos fazer notar aos caros camaradas de « O Carpinteiro »: que não podemos tomar o empenho de dar conselhos, pela simples razão de que nós muito precisamos delles, entretanto arrisca-monos a dar-lhes este: para outra vez sejam mais calmos e reflecxivos no considar e criticar as coisas.

Só nos resta declarar que se nas considerações que prometteram fazer ao nosso artigo no proximo numero do seu jornal, se limitassem a proferir vans palavras, em vez de discutir o nosso modo de ver sobre a orientação que devem ter as associações da classe, não responderemos, para não crear uma polémica ociosa da qual nenhum proveito nos resultaria a nós, os trabalhadores.

Acceitamos com prazer a discussão com os nossos camaradas sempre que della possam tirar proveito os operarios, mas nos absteremos ao percever que seja um obstaculo que venha interromper o vinculo de amizade que deve reinar entre os operarios.

Portanto, amigos e camaradas de « O Carpinteiro », se o vosso modo de pensar sobre a orientação que devem ter as associações de classe, differe do nosso, bem fariais expondo-o á consideração dos companheiros, pois como é costume dizer da discussão sahir a luz. E se a fábula das duas saccolas quereis applical-a á nossa associação vos respondemos logo que andais muito enganados. Estamos orgulhosos por ter mantido bem alto, em S. Paolo, o prestigio da organisação, sem temor a nisso ser desmentidos.

O intemperante que entra numa taverna não está certo se amanhã entrará num carcere.

G. SIMON

Nosso metodo de luta

Impregnados nossos animos pelas resoluções tomadas no ultimo Congresso da F. R. O. A., resolvemos dar a todos os nossos actos um caracter o mais revolucionario possivel, e dar curso ao papel-moeda para adquirir elementos educativos taes como: livros, folhetos, periodicos e conferencias.

Afim de cumprirmos taes resoluções, e chegarmos ao fim almejado é que fundamos o periodico O CHAPELEIRO; a biblioteca social que é regularmente visitada e que se adiquiriram innumeros folhetos, que foram distribuidos entre os que compõem o nosso gremio.

E' verdade que com estes methodos, nenhum fundo social existe em caixa, porém, em troca, se despertaram muftas consciencias adormecidas e apathicas, se fez assim uma obra instructiva e tiramos uma porcentagem notavel entre o numero de alcoolatras, jogadores e outros viciados; se consolidou a união entre os chapeleiros e chapeleiras, e, estamos seguros de que, dado o caso de realizarmos um movimento geral, termos mais força e teremos tambem menos « carneiros » e « Krumiros », sem offerecer-lhes um parco subsidio, que quando se lhes consignava quasi a metade do que ganhavam na sua diaria. E nós acreditamos que este é um bom fundo social, e mais ainda: que é o unico caudal necessario para as nossas luctas.

Nosso jornal, que, como se vë, conta já um anno de vida activa, é desejado e temido, é o escudo e a lança.... Desejado pelos operarios, porque como é escripto por elles e para elles comprendem-no e nelle apredem; temido pelos burguezes, capitalistas, e chefes, pois sabem muito bem que em suas columnas se encontram estampadas todas as ignominias que comnosco praticam ou pensam praticar.

Escudo que defende os interesses collectivos do nosso gremio, quando estejam ameaçados; e, lança, offensiva, vingadora de aggravos vibrados na nossa dignidade, na nossa soberania de « productores ».

Este é, pois, o nosso modo de pensar, nosso modo de obrar: « em fazer consciencias firmes e fortes » e que estriba todas as nossas esperanças; convencidos pelas innumeraveis licções recebidas, que é esteril a lucta á base de dinheiro, a eterna questão do réis « contra o milhão ».

Agóra, entre alguns animosos companheiros, existe a idéa de anullar por completo os estatutos sociaes, substituindo-os por um simples PACTO DE SOLIDARIEDADE, tirando-se assim, pouco por vez, do que existe de velho e improficuo, e o que significa autoritarismo, absolutismo, encaminhando-nos, por esta fórma ao costume de entendermo-nos mais ainda do que com alguns artigos de regulamentos, que ás vezes, limitam o nosso campo de acção, com os laços de solidariedade, base de todos os melhoramentos, e, base da estabilidade dos mesmos.

Paulatinamente, iremos depois cumprindo outras resoluções, que como as de cima, tendem a elevar a classe operaria ao nivel que como homens dignos devem occupar em este desditoso planeta; e, felizes nos chamaremos se com isto pudermos realizar uma obra reparadora, e sufficientemente renumerados nos julgamos, se ao cumpril-a achamos imitadores.

Companheiros de redacção do O CHAPELEIRO envio a vócês estas linhas, para, se quizerem, darlhes publicidade nesse porta-voz.

Sem mais vos sauda, vosso e da emancipação

JOÃO S. GIRIBALDI

A « UNIAO DOS CHAPELEIROS » E SECRETARIADO NACIONAL TEM SUA SÉDE SOCIAL NO LARGO PAYSANDÚ NUM. 44. (1.º andar).

S. PAULO

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos, estabelecendo permuta, os seguintes periodicos aos quaes desejamos longa vida:

BRASIL

— O TRABALHADOR GRAPHICO, orgam da Sociedade de Resistencia de Artes Graphicas desta capital;

— O CARPINTEIRO-FALEGNAME, orgam da Sociedade dos Carpinteiros desta capital;

— AURORA, Revista Anarchista que se publica todos os meses nesta capital;

— A TRIBUNA DOS ESTIVADORES, este valente periodico é orgam da Sociedade de Resistencia dos Estivadores de Rio de Janeiro;

— A EMANCIPAÇÃO orgam da organização dos Tipographos de Rio de Janeiro;

— O ALFAIATE publicação defensora dos Alfaiates de Rio de Janeiro;

— ACORDEM! folha defensora da Sociedade dos Carpinteiros e Artes Correlativas do Rio de Janeiro;

— O CONGRESSO, periodico da União dos Trabalhadores em Pedreiras de Rio defensor dos KRUMIROS (Traidores).

HESPANHA

— TIERRA Y LIBERDAD, semanario Libertario de Madrid;

— REVISTA BLANCA, Revista Anarchista de Madrid;

— LA TRIBUNA FERROVIARIA, orgam central dos Trabalhadores Ferrovjarios de Hespanha;

— EL PRODUCTOR, semanario defensor dos Trabalhadores de Barcelona.

ARGENTINA

— EL SAMBRERO, periodico bem orientado, com colaboração variada; bem feito em todo o sentido da palavra é a folha da Federação dos Chapeleiros da Republica Argentina e Uruguay;

— LA ORGANIZACION OBRERA, orgam cenrral da Federação Obrera Argentina;

— EL LATIGO DEL CARRERO, folha da Federação dos Carroceiros de B. Aires;

FRANÇA

— L' OUURIER CHAPELIER, periodico mensal da Federação dos Chapeleiros da França;

— LE TEMPS NOUVEAUX, semanario Socialista-Anarchista de Paris.

PORTUGAL

— A VIDA, semanario Anarchista do Porto;

— A OBRA, semanario Anarchista de Lisboa;

— O TECIDO, orgam da Sociedade dos Tecedores de Portugal.

Se queres um remedio contra a embriaguez, olha um embriagado.

BALANCETE de « O Chapeleiro »

Resto do N.º antecedente	29$500
ENTRADA DO N.º 2	
Tirado da caixa da União como emprestimo.	10$000
Recebido da União dos Chapeleiros do Rio de Janeiro	10$500
ENTRADA DO N.º 3	
Jornaes vendidos.	3$100
Resultado da FESTA. . .	205$500
TOTAL Rs.	258$600
—	
SAHIDA DO N.º 2	
Por 1000 exemplares. . .	40$000
Para remessa.	5$200
SAHIDA DO N.º 3	
Por 1000 exemplares. . .	35$000
Para remessa.	5$000
Por deliberação da Assemblés de dar ao comp. José Tomati.	30$000
Um carimbo.	4$000
TOTAL Rs.	119$200
Fica em caixa.	139$400
TOTAL Rs.	258$600
—	
Resultado da FESTA SOCIAL realizada no dia 3 de Junho:	
ENTRADAS	
Vendidos 94 bilhetes. . .	188$000
Kermesse.	150$000
TOTAL Rs.	338$000
SAHIDAS	
Musica.	75$400
Devolvido á União dos Chapeleiros.	10$000
1000 bilhetes impressos. .	18$000
Pequenas despezas. . . .	9$100
Para illuminação da Sala. .	20$000
TOTAL Rs.	132$500
Ficando em nosso favor a quantia de	205$500